



PEDAGOGIA QUEER NAS LICENCIATURAS EM DANÇA: UM DIÁLOGO IMINENTE

Leonardo dos Santos Silva¹

Resumo

Pretende-se discutir as ações curriculares em Dança, para gêneros e sexualidades, a partir da Pedagogia *Queer*. A importância destes conteúdos nas licenciaturas em Dança, corrobora no fortalecimento da educação como ação transformadora. Tais inserções contribuem para abordagens contemporâneas de processos de aprendizagem. A construção curricular, apoiando-se em análise bibliográfica das epistemologias da Dança, sobre gêneros e sexualidades, dos conceitos de paradigma dominante e emergente, e da estruturação das graduações em Dança no Brasil tornam-se indispensáveis para uma interlocução potente. Configurar novos entendimentos sobre os currículos das licenciaturas de Dança, a partir da Pedagogia *Queer*, enriquece atos educativos, estratégias ético-políticas, modificando corposmídias.

Palavras-chave: Formação em Dança. Pedagogia queer. Currículo.

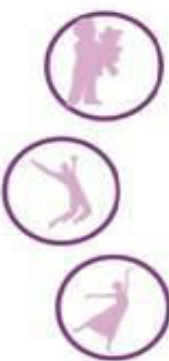
Um paradigma emergente para/em dança

As formas de se pensar Educação estão constantemente em análise. Tal ação não caracteriza, de fato, transformações, mesmo que ao refletir nosso tempo atual, sem perder a dimensão histórica, nos reconheçamos em um tempo de transições – sejam elas de cunho social, cultural, histórico, moral e/ou pedagógico. No que tange às diferenças (classe social, cor de pele, gêneros...) encontradas nos ambientes escolares, essa sensação de instabilidade não é recente, principalmente depois de movimentos sociais e de lutas coletivas (feminismos, direito a igualdade racial, direitos LGBTQ) sugerirem modificações nas formas de se planejar um currículo (SILVA, 1999).

Dentro de novas imagens, que a educação pode oferecer, surge a pedagogia *queer*. Um conceito historicamente recente (difundido, principalmente, a partir dos anos 1990) que vem a discutir questões, como gêneros e sexualidades, na interlocução *instituição acadêmica x movimentos sociais*, a Teoria *Queer*, nasce nos questionamentos presentes no binarismo heterossexual/homossexual, provocando celeumas acerca das inúmeras possibilidades de

¹ Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Dança, da Universidade Federal da Bahia, sob orientação da Prof.ª Dr.ª Lenira Peral Rengel. Bolsista CAPES. E-mail: ssantosleonardo90@gmail.com





gênero e de identificações sexuais (SPARGO, 2017). Primeiramente usado como termo pejorativo, para se tratar os não-heterossexuais, foi se reconfigurando, na medida em que sua *estranheza* cabia a discursos mais abrangentes e não dicotômicos (LOURO, 2004).


Segundo os teóricos e teóricas *queer* é necessário empreender uma mudança epistemológica que efetivamente rompa com a lógica binária e com seus efeitos: a hierarquia, a classificação, a dominação e a exclusão. Uma abordagem desconstrutiva permitiria compreender a heterossexualidade e a homossexualidade como interdependentes, como mutuamente necessárias e como integrantes de um mesmo quadro de referências. (LOURO, 2004, p.45)

A Dança por ser produtora de conhecimento nos seus aspectos epistemológicos é uma interlocutora com questões do corpo na sua relação com o ambiente. Suas epistemologias são (re)configuradas à medida de suas conexões. Afinal é o “processo sempre condicionado pelo entendimento de que o corpo não é recipiente [como um copo vazio esperando ser preenchido], mas sim aquilo que apronta nesse processo co-evolutivo” (GREINER, 2005, p.130). Compreender o prefixo *co* para as relações no mundo, sejam elas quais forem, é relevante. Processos, currículos, danças, não evoluem, coevoluem. *Co* estabelece um agregado de acontecimentos e fenômenos em um processo de múltiplas direções, em trajeto simultâneos, ainda que diversos e dispares.

Questionamentos sobre gêneros e sexualidades, são inseparáveis dos entendimentos de dança e de corpo que estão em discussão, especialmente pensados pela Teoria Corpomídia (KATZ e GREINER, 2005). A ideia de “corpomídia” chama atenção para o corpo como sendo mídia, ou seja, corpo não é o lugar pelo qual a mensagem passa, ele é a mensagem. “O corpo é sempre mídia de si mesmo (da coleção de informações que o forma a cada momento) e não um corpo que depende de uma ação voluntária para expressar-se. Por isso, todo corpo é corpomídia” (KATZ, 2010, p.19). A vida, cada ação curricular pulsa no corpomídia. Analisar as formas como são pensados, por exemplo, um componente curricular, e as reverberações epistemológicas que promovem, permite observar quais e de que maneiras tais mídias (os corpos) são afetadas pelos (arte) fatos educacionais e como essa coevolução (entre espaço educativo-formativo e estudante) se dá para reconfigurações teóricopráticas sobre gênero e sexualidades.

A análise de Boaventura de Sousa Santos (2008) sobre os constituintes dos paradigmas dominantes e emergente da sociedade, das ciências e das culturas, se articula nas indicações de uma perspectiva *queer*, nos currículos, e em específico nesta pesquisa, nos de graduações





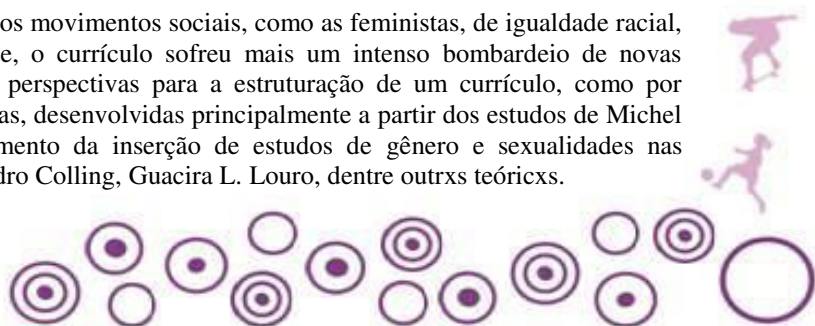
em Dança. Por meio de períodos e marcos históricos, pertinentes às Ciências Sociais, Santos (2008) elenca uma série de questionamentos sobre o como, onde e por quem os conhecimentos são validados. Assim como é percebido nas questões que tratam sobre gênero e sexualidades, tal complexidade possibilita ações que provocam tais arestas, contribuindo para possibilidades de construir novos paradigmas, visto que os “objetos têm fronteiras cada vez menos definidas; são constituídos por anéis que se entrecruzam em teias complexas com os dos restantes objetos, a tal ponto que os objetos em si são menos reais que as relações entre eles.” (SANTOS, 2008, p. 56).


Com proposições conservadoras, em formato que privilegia alguns saberes em relação a outros, os pressupostos encontrados no paradigma dominante, interferem, de forma contundente, nas estruturas curriculares. Por ter um viés mais direcionado ao quantificar, os mecanismos de expansão das ciências tornaram-se limitados e limitantes e no desenvolvimento das artes não seria diferente. Com isso, a Dança (e as outras artes) e outros campos dos saberes formam uma maneira de subcategoria de conhecimento, no qual suas epistemologias fossem, de alguma forma, hierarquicamente inferiores. Tais indicações promoveram no currículo, a partir dessa racionalidade quantitativa um “horizonte certo de uma forma de conhecimento que se pretende utilitário e funcional, reconhecido menos pela capacidade de compreender profundamente o real do que pela capacidade de o dominar e transformar”. (SANTOS, 2008, p.31)

Na perspectiva de abordar o currículo dentro de paradigmas não dominantes, especialmente na interlocução de áreas do conhecimento, contribuindo para uma lógica interdisciplinar busca-se romper o esquema de que “só há duas formas de conhecimento científico — as disciplinas formais da lógica e da matemática e as ciências empíricas segundo o modelo mecanicista das ciências naturais [...]” (SANTOS, 2008, p.33). Podemos afirmar que essas maneiras hegemônicas, inserirem o sujeito e suas demandas nos “objetivos” do currículo (SILVA, 1999), no qual algumas ciências humanas e as artes se fortalecem como indispensáveis à formação humana.

Na relação da teoria *queer* e as teorias pós-críticas do currículo² que se insere um pensamento que pode se analisar constructos curriculares que tratem sobre as possibilidades de gêneros, sexualidades e formas de existência enquanto pessoa. (SILVA, 1999). Pois, assim

² A partir dos anos 1960, especialmente através dos movimentos sociais, como as feministas, de igualdade racial, do respeito as etnias e do direito à sexualidade, o currículo sofreu mais um intenso bombardeio de novas abordagens teóricas, que impulsionaram outras perspectivas para a estruturação de um currículo, como por exemplo a pedagogia *queer*. As teorias pós-críticas, desenvolvidas principalmente a partir dos estudos de Michel Foucault, contribuíram bastante para o alastramento da inserção de estudos de gênero e sexualidades nas discussões acadêmicas, vide: Judith Butler, Leandro Colling, Guacira L. Louro, dentre outrxs teóricxs.





como a teoria *queer*, o paradigma emergente, viabiliza considerar meios de interlocução, já que


O conhecimento do paradigma emergente tende assim a ser um conhecimento não dualista, um conhecimento que se funda na superação das distinções tão familiares e óbvias que até há pouco considerávamos insubstituíveis, tais como natureza/ cultura, natural/ artificial, vivo/ inanimado, mente/ matéria, observador/ observado, subjetivo/ objetivo, coletivo/ individual, animal/ pessoa. (SANTOS, 2008, p. 64).

Dança e Pedagogia *queer*: movimentos de existências

Alexandre Molina (2008) pontua que é “no processo de construção do conhecimento [que se] deverá levar em consideração a pesquisa e [a] conexão de saberes como foco no desenvolvimento de estratégias de ensino e de aprendizagem” (p.43), mostrando que outras interseções de saberes, como as dos estudos sobre corpo, processos de aprendizagem, gêneros e sexualidades modificam as especificidades curriculares nas licenciaturas em Dança. Dialogando com os pressupostos *queer*, que são uma forma de “questionar, problematizar, contestar todas as formas bem-comportadas de conhecimento e de identidade” (SILVA, 1999, p.107) são profícuos os cruzamentos entre as demandas levantadas pelos ideais de currículos pós-críticos coerentes com os corpos que dele dependem, despertando modificações estruturais. Portanto ignorar o conhecimento disciplinador e considerar iniciativas de reformulação das estruturas normativas de se constituir currículo, permite, de forma contundente a legitimidade da pedagogia *queer* nos currículos de graduações em Dança

Em composições contemporâneas de pensamento científico, a teoria *queer* se caracteriza como “perversa, subversiva, impertinente, irreverente, profana e desrespeitosa” (SILVA, 1999, p.107), contribuindo para as pedagogias em Dança de forma co-transformadora. Na medida que ao se contaminarem, produzem novas alternativas de se pensar Dança, Currículo, Gêneros e Sexualidades, a pedagogia *queer*, altera o caráter já inquietante que a Dança possui, desestabilizando suas (in)certezas, provocando aprofundamentos indispensáveis aos corpos. Perturbar os constructos curriculares, a partir dos questionamentos *queer*, estimula não somente engajamentos político-sociais, mas corrobora para acionamentos de políticas públicas para processos de aprendizagem potente. Se faz importante pontuar que não se busca, ao levantar as demandas *queer* para a Educação, movimentos de inclusão (a ideia de pôr de fora para dentro). Refutar a lógica normativa de que essas pessoas só existam fora das classes, é corroborar com os argumentos do qual os corpos como mídia de si mesmos. Com a proposta de uma perspectiva de





ensino/aprendizagem pelas diferenças, mostra-se que “currículos ligam gênero, sexualidade, fantasia, mídia, tecnologias e corpo; ligações nas quais a dança funciona como condição de existir nas fraturas das conexões globais (RANNIERY, 2018, p.209), conexões essas que se interligam por meios de regulação dos corpos, por vezes sutis mas, arraigadas nas sociedades de forma consistente.

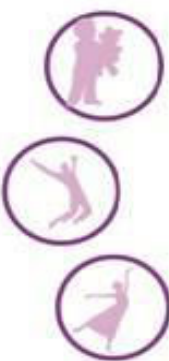
Na perspectiva de Santos (2008), os conhecimentos produzidos a partir de um olhar emergente, contribui para um alargamento das formas de se pensar conhecimento, pois é “um conhecimento sobre as condições de possibilidade. As condições de possibilidade da ação humana projetada no mundo a partir de um espaço-tempo local.” (p.77) No se fazer Dança tais imbricações são feitas na medida em que se percebe o corpo como ativador de procedimentos metodológicos e que “serve também para tratar o corpo como produtor de questões e não [apenas como] um receptáculo reprodutor” (SETENTA, 2008, p.20) e que tal pensamento, que fuja dos binarismos, ajuda a problematizar as ações curriculares nas graduações em Dança.

Um currículo queerizado

Dentro dessas novas formas de se analisar a construção dos conhecimentos, é importante estar atento para não estruturar novos paradigmas dominantes. Ao se pluralizar e se especializar, as áreas de conhecimento podem se tornar limitadas e limitantes, (como os pressupostos dominantes), contrariando totalmente o discurso produzido a partir dos ensejos sociais, implicações estas que são percebidas nos discursos sobre currículo gêneros e sexualidades (RANNIERY, 2018).

Congelamentos de conceitos e de abordagens teoricopráticas produzem, em qualquer campo/área de conhecimento ignorância especializada e/ou ignorância generalizada (SANTOS, 2008). Nas agendas sobre gêneros e sexualidades a normatização dos não-heterossexuais produzem novas formas de exclusão, no que o quão mais perto estiverem esses sujeitos do paradigma dominante, neste caso a heteronormatividade (a heterossexualidade como norma de sexualidade aos seres humanos), mais exclusões poderão ser produzidas, pois “[...] há de se discutir, finalmente, os perigos da reificação das identidades sexuais e de gênero em jogo nesse contexto e de seu possível impacto sobre as políticas e direitos que, por serem ‘especiais’, podem ser mais excludentes que inclusivos” (CARRARA apud COLLING, 2015, p. 30) . Nos currículos de graduação em Dança a pedagogia queer, estimula a estranheza não como foco da diferença separatista, mas sim das diferenças como condição de existência humana, potencializando suas vidas e colaborando para um sistema social que hoje “não se

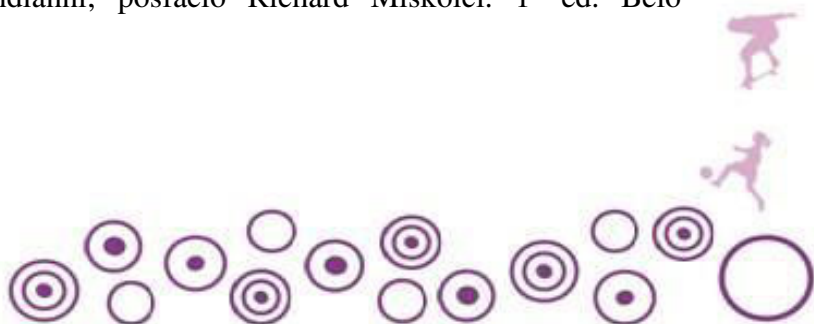




trata tanto de sobreviver como de saber viver. Para isso é necessária uma outra forma de conhecimento, um conhecimento compreensivo e íntimo que não nos separe e antes nos una pessoalmente ao que estudamos (SANTOS, 2008, p. 85). Para isso também é urgente “recolocar o currículo diante da expansiva paisagem do trabalho da vida ‘vivível’ e, assim, estranhar nosso pensamento ao criar oportunidade para uma percepção ligeiramente diferente dos problemas e situações que nos mobilizam” (RANNIERY, 2018, p. 215).

Referências

- COLLING, Leandro. **Que os outros sejam o normal:** tensões entre movimento LGBT e ativismo queer. Salvador: EDUFBA, 2015.
- GREINER, Christine. **O corpo:** pistas para estudos indisciplinados. São Paulo: ANNABLUME, 2005.
- KATZ, H.; GREINER, Christine. Por uma teoria do corpomídia ou a questão epistemológica do corpo. In: GREINER, Christine. **O corpo:** pistas para estudos indisciplinados. São Paulo: Annablume, 2005
- LOURO, Guacira L. **Um corpo estranho:** ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- MOLINA, Alexandre José. **(Im)pertinências curriculares nas licenciaturas em dança no Brasil.** Dissertação (mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Escola de Dança, 2008.
- RANNIERY, Thiago. Manifesto Beyoncé no currículo: a força da música e o brilho erótico do corpo que dança. In: PARAÍSO, Marlucy Alves; CALDEIRA, Maria Carolina da Silva (Org.) **Pesquisas sobre currículos, gêneros e sexualidades.** Belo Horizonte: Mazza, 2018, p. 199 – 218
- SANTOS, Boaventura de Souza. **Um discurso para as ciências.** 5ª ed. Cortez – São Paulo: Cortez, 2008.
- SETENTA, Jussara Sobreira. **O fazer-dizer do corpo:** dança e performatividade. Salvador: EDUFBA, 2008.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade:** uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- SPARGO, Tamsin. **Foucault e a Teoria Queer;** seguido de Ágape e êxtase: orientações pós-seculares. Tradução Heci Regina Candianni; posfácio Richard Miskolci. 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.





UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG

Catálogo na Publicação:

Bibliotecária Simone Godinho Maisonave – CRB -10/1733

S471a Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade (7. : 2018 : Rio Grande, RS)

Anais eletrônicos do VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, do III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade e do III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade [recurso eletrônico] / organizadoras, Paula Regina Costa Ribeiro... [et al.] – Rio Grande : Ed. da FURG, 2018.

PDF

Disponível em: <http://www.7seminario.furg.br/>

<http://www.seminariocorpogenerosexualidade.furg.br/>

ISBN:978-85-7566-547-3

1. Educação sexual - Seminário 2. Corpo. 3. Gênero 4. Sexualidade I. Ribeiro, Paula Regina Costa, org. [et al.] II. Título III. Título: III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade. IV. Título: III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade.

CDU 37:613.88

Capa e Projeto Gráfico: Thomas de Aguiar de Oliveira
Diagramação: Thomas de Aguiar de Oliveira

